

O Batalhão Sagrado de Tebas: militarismo e homoafetividade na Grécia Antiga

Fortunato Pastore¹

Resumo: A intenção deste trabalho é compor uma explicação conjunta para a grande capacidade militar do Batalhão Sagrado de Tebas, unindo fatores e interpretações que, geralmente, se apresentam separadas ou com frágil vinculação. Os fatores principais estão, frequentemente, associados a quatro aspectos: a grande capacidade de liderança político-militar dos comandantes do Batalhão, sobretudo de Epaminondas; a invenção e utilização da tática da “Ordem Oblíqua”; a ligação homoafetiva dos integrantes do batalhão e a coesão política e social deste grupamento dentro da lógica das póleis gregas. As diversas interpretações tendem para um ou alguns destes fatores e dificilmente observa-se uma abordagem holística da questão. A importância histórica deste singular grupamento político e militar não se reduz ao fato de ter capacitado a condição de *Hegemon* grega para a Cidade de Tebas, mas pela projeção que a combinação exitosa dos fatores da sua invencibilidade combativa teve na formação de unidades militares posteriores como a falange macedônica e, dois mil anos depois, as unidades regimentais prussianas de Frederico, o Grande.

Palavras-Chave: Epaminondas; Homoafetividade e Ordem Oblíqua.

The Sacred Thebes Battalion: militarism and homo-affectivity in Ancient Greece

Abstract: The intention of this work is to compose a joint explanation of the great military capacity of the Sacred Battalion of Thebes, joining factors and interpretations that, generally, are present separate or with little entailing. The main factors are often associated with four aspects: the great capacity of leadership politician-military man of the commanders of the Battalion, over all of Epaminondas; the invention and use of the tactic of the “Oblique Order”; the homoafetiva linking of the integrant ones of battalion and the cohesion social and politic of this grouping inside of the logic of the Greeks poleis. The diverse interpretations tend for one or some of these factors and hardly a holistic boarding of the question is observed. The historical importance of this singular grouping politician and military man is not scrubbled to the fact to have able the condition of *Hegemon* Greek for the City of Thebes, but for the projection that the successful combination of the factors of its militant invincibility had in the formation of posterior military units as macedonian phalanx and, two thousand years later, the prussians regimental units of Frederico, the Great.

Keywords: Epaminondas; Homo-affectivity and Oblique Order.

INTRODUÇÃO

¹ Prof. Adjunto do Curso de História, Campus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Os gregos da Antiguidade produziram uma quantidade considerável de literatura sobre a arte da guerra e a homossexualidade, mas os momentos em que os dois temas se cruzam são poucos. As cidades de Iliá e Tebas exploraram regularmente o ethos homossexual para fins militares, habitualmente postando pares de namorados, um ao lado do outro em batalha. Pouco se sabe da prática militar Iliana, mas o "Bando Sagrado de Tebas", organizado em 378 a.C., não só foi inteiramente composto por amantes homossexuais, mas formou o núcleo duro do formidável exército tebano, até que foi esmagado por Filipe da Macedônia na batalha de Queroneia em 338 a.C.. O comandante de Tebas, Pammenes, defendeu o emparelhamento de amantes no campo de batalha como um princípio de organização militar, e foi uma prática entre seus guerreiros que os membros mais velhos dos pares romanticamente ligados apresentassem os conjuntos de armaduras para os membros mais jovens quando eles chegassem à idade de luta. (BURG, 2002, p. 05).

Foi para tentar suprir essa lacuna entre os dois temas que este texto foi pensado e, assim sendo, ele pretende demonstrar a relação entre a capacidade militar e a homoafetividade na Grécia Antiga ao destacar a atuação do Batalhão Sagrado de Tebas e, em especial, a sua principal figura, Epaminondas.

O Batalhão Sagrado de Tebas foi uma unidade de elite grega composta por trezentos homens, formando cento e cinquenta casais de amantes. Segundo Plutarco, foi criado pelo comandante tebano Górgidas em 378 a.C. (PLUTARCO, 1991, p. 01).

Em seguida à sua criação por Górgidas, a força foi organizada por Pelópidas. Com a liderança de Epaminondas, que introduziu novas táticas na guerra hoplítica, tornou-se a melhor unidade militar grega e a mais inovadora até então surgida no ceio das Cidades-Estados helênicas. Graças à existência do batalhão, Tebas conseguiu a hegemonia na Grécia, no começo do século IV a.C.

O batalhão era mais conhecido como "Bando Sagrado" e a designação de sagrado foi explicada, mais tarde, por Plutarco ao afirmar que "*mesmo Platão chama o amor de um amigo como **inspirado de Deus.***" (PLUTARCO, 1991, p. 02. O grifo é do autor.).

O Batalhão Sagrado era muito temido pela sua bravura e enorme coragem. Eram guerreiros ferozes que se mantinham unidos por laços amorosos. Os hoplitas do Bando Sagrado juravam que nunca dariam vantagem

ao inimigo e nunca iriam fugir de um combate. Lutavam em fileiras cerradas e eram bastante disciplinados. As questões da homossexualidade e do treinamento físico e militar eram fundamentais no contexto das sociedades erigidas sob a lógica das *póleis*.

O professor Daniel Ogden, da Universidade de Exeter, levantou informações, bastante contundentes, de que a relação homoerótica (aí incluso relações sexuais) estava efetivamente associada à contínua atuação militar e isso, de maneira mais comum do que supostamente se acredita. E ele estabeleceu esta vinculação não apenas para a cidade de Tebas, mas também para as regiões de Cálcis, Creta, Élis, Esparta, Macedônia e Mégara.²

GUERRA E PÓLEIS: DUAS “NATURALIDADES” GREGAS

O povo helênico, apesar de compor uma comunidade cultural coesa (idioma e religião, por exemplo), estava dividido em cidades politicamente autônomas, as Cidades-Estados (*Póleis*), bastante ciosas de sua independência e de seu território.

Vernant (1985, p. 10) observa que a guerra era vista como parte do **agon**, isto é, do espírito de confronto que presidia não só as relações humanas como à própria natureza; o **agon** estava presente não só na rivalidade que as cidades mantinham entre si, mas nos Jogos (onde havia competições esportivas, musicais e literárias), nos processos do tribunal, nos debates da assembléia etc.. (ALVITO, 1988, p. 14. O grifo é do autor.).

Esta configuração política estimulava uma constante situação de disputa entre as cidades, tornando, dessa forma, a guerra um acontecimento recorrente e visto como natural pelos habitantes da antiga região da Grécia.

Clínias, o cretense: “aquilo que a maioria dos homens chama de paz é meramente uma aparência; na realidade todas as cidades estão por natureza em um estado permanente de guerra não declarada contra todas as outras cidades.” (PLATÃO, 2004, p. 626a.).

Até houve filósofos na Antigüidade que consideraram a Guerra como um valor absoluto, quase divino, uma força dominante na História. Heráclito reconhecia que a Guerra *“é de todas as coisas mãe, de todas rainha, e uns ela revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres”* e

² Daniel OGDEN, “Homosexuality and Warfare in Ancient Greece” In: Alan B. Lloyd (Ed), *Battle in Antiquity*. London: Duckworth and CPW, 1996. Pp. 107-168.

escreveu que *"a Guerra e a justiça são contraste e por meio do contraste todas as coisas se geram e chegam à morte"*.³

Como não havia exército regular e profissional, as lutas eram conduzidas pelos cidadãos, que exerciam outras atividades com principal fonte de sustento - a maioria era composta de pequenos produtores rurais. Assim sendo, as campanhas eram simples e os combates deveriam ser decididos da forma mais rápida possível.

A batalha hoplítica⁴, um decisivo encontro de duas formações em falange, com linhas de ataque ombro a ombro e objetivando o choque direto e frontal, nasceu na lógica desse contexto de camponeses em situação de soldado-cidadão.

John Keegan, no livro *Uma História da Guerra* (1995), levantou a tese de que o nascimento da forma ocidental de combate ocorreu no seio da falange hoplítica grega. Isto quer dizer, para Keegan, que a estratégia militar ocidental é direta, sempre tencionando um choque rápido e decisivo, em oposição a um pensamento militar oriental, que advoga a estratégia indireta. Portanto, estudar a arte da guerra dos antigos gregos é entender a constituição da forma de combate que vigora hoje no mundo, uma vez que o Ocidente tornou-se militarmente dominante.

EPAMINONDAS E O BANDO SAGRADO DE TEBAS

A vitória da Liga do Peloponeso, liderada por Esparta, contra a Confederação de Delos, sob controle ateniense, na Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.) conduziu os espartanos a um período de grande hegemonia na Grécia. Durante a guerra, Tebas foi aliada de Esparta, mas com o crescimento de Esparta na região tebana - a Beócia - a situação mudou drasticamente quando o líder tebano Amtálcidas decidiu romper a aliança com Esparta, no ano de 386 a.C.

Tebas, ao tentar fugir do controle que Esparta exercia na sua região, enfrentou a divisão de sua elite entre oligarcas, vinculados aos espartanos, e democratas, ligados a Atenas – como era comum na Grécia do período

³ Adaptado de HERÁCLITO de Éfeso, fragmentos 53 e 80 In: SOUZA, José Cavalcante de (Org.). *Pré-Socráticos*. São Paulo, Abril, 1973. Pp. 90 e 93.

⁴ O nome veio do *hoplon*, o escudo redondo que o soldado de infantaria pesada carregava.

clássico. Os oligarcas tomaram o poder em 382 a.C. graças à ação de um grande exército espartano. Para assegurar o poder oligarca, uma guarnição espartana ficou em Tebas na Rocha Cadmea (o equivalente tebano da acrópole ateniense, assim chamada devido ao nome do lendário fundador da cidade, Cadmo, o irmão da Europa e o marido da Harmonia.).

Este ato vergonhoso para os tebanos provocou a reação dos líderes democratas, que haviam fugido para Atenas. Com apoio dos atenienses eles conseguiram expulsar os espartanos de Tebas. Entre os líderes dessa reação estavam Pelópidas e Epaminondas. A famosa “libertação” ocorreu em 379 a.C.

O ano seguinte viu o nascimento do Batalhão Sagrado de Tebas, uma vez que Esparta não aceitou a derrota e enviou novas forças para submeter Tebas novamente e recuperar o controle sobre a Beócia. O primeiro embate da nova formação ocorreu na batalha de Tegira (perto de Orcómeno), dois anos depois. E, pela primeira vez na história, um exército espartano numericamente superior foi derrotado em campo aberto.

No início da batalha, o fundador da unidade, Górgidas, decidiu usar a tropa de elite de forma dispersa pelas linhas de batalha do exército tebano com o intuito de elevar o moral e o espírito de luta de todos os combatentes. Contudo, no momento decisivo, quando as linhas espartanas abriram, o comandante geral de Tebas, Pelópidas, utilizou o grupo como uma unidade coesa e como se fosse a sua guarda pessoal.

Com a vitória conseguida, decidiu-se que a unidade deveria atuar sempre dessa forma, ou seja, em grupo. E assim ela seguiu pelos seus quarenta anos de existência.

Com vista a isso, eles fizeram da Harmonia, a filha de Marte e Vênus, a sua divindade tutelar; uma vez que, onde a força e a coragem se unem com graça se ganha mais capacidade, uma harmonia que combina todos os elementos da sociedade, em consonância com a perfeita ordem. Górgidas distribuía o Bando Sagrado por todas as fileiras da infantaria, assim, fez com que sua potência ficasse menor, por não estarem unidos em um só corpo, mas misturados com tantos outros de resolução inferior, eles não tinham tido oportunidade de mostrar o que eles poderiam fazer. Mas Pelópidas, tendo visto suficientemente a sua bravura em Tegira, onde eles lutaram como um bloco e em torno de sua própria pessoa, nunca mais os dividiu depois disso, mas os manteve inteiros, como um homem, e deu-lhes o primeiro lugar nas maiores batalhas. Como cavalos que correm mais vigorosos em uma carruagem que isoladamente, não porque a sua força conjunta divide o ar com maior facilidade, mas porque ao serem colocados

um com o outro, acende-se a emulação e inflama-se a coragem; assim, ele acreditava que homens corajosos, provocando um ao outro para ações nobres, iriam se revelar mais úteis e mais resolutos, com todos unidos. (PLUTARCO, 1991, XVIII, p. 18.).

A vitória mais importante e famosa do grupamento ocorreu na batalha de Leuctras em 371 a.C. e já sob o comando geral de Epaminondas. Para reforçar o poder de coesão de sua força de elite e baseado na sua experiência de batalha e na observação das falanges hoplíticas, Epaminondas criou um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento da arte da guerra grega e, portanto, ocidental, ao proceder a introdução da famosa “**Ordem Oblíqua**”.

Esta consistia na manutenção de uma grande e forte unidade militar, no caso o Bando Sagrado, na retaguarda esquerda da linha de batalha tebana com o propósito de utilizá-la de forma integral e em grupo no momento e no local decisivo do engajamento.

E por que na ala esquerda? Aí está a genialidade e, concomitantemente, a simplicidade do brilhante arranjo tático de Epaminondas. Ele observou que, durante o confronto das linhas hoplíticas, existia uma tendência de os soldados deslocarem o movimento para a direita, com o intuito de se proteger do choque das lanças inimigas cobrindo-se também no escudo do companheiro do lado.

Como todos faziam, instintivamente, o mesmo movimento e quase que ao mesmo tempo, a linha derivava para o lado, deixando o seu flanco direito mais exposto e, portanto, mais fraco e vulnerável.

Em suma, esta manobra envolve a concentração de forças contra um flanco oposto e usa forças secundárias para distrair e seduzir as reservas opostas. Esta manobra é uma boa escolha se a força oposta é superior, como nas batalhas em que os tebanos enfrentaram os espartanos.

A vantagem desta manobra é a habilidade de concentrar força no ponto mais fraco do inimigo, negando seu ponto mais fraco para atacar. A desvantagem desta manobra é que o desequilíbrio de força pode ser desastroso se o inimigo for capaz de reforçar, em tempo, o seu ponto mais fraco, ou, ainda, atacar com força e velocidade precisas o ponto mais fraco da tropa que está utilizando a ordem oblíqua.

Em Leuctras, Epaminondas também se utilizou de outros artifícios: primeiramente, ao contrário do que pregavam as regras táticas da época, ele

colocou o Batalhão Sagrado de Tebas, isto é, os seus melhores hoplitas, em uma falange com cinquenta homens de profundidade (o normal ficava entre oito e doze hoplitas). Com isto ele enfraqueceu o seu centro de batalha e a sua ala direita, porém o flanco esquerdo ficou poderosamente reforçado.

Outro artifício foi deslocar as suas tropas em escalão com o objetivo de evitar que os setores fracos da sua linha de choque fossem esmagados antes que a sua ala esquerda rompesse a frente espartana. Assim, as suas unidades travariam contato com o inimigo paulatinamente, iniciando pela sua fortíssima esquerda. O choque frontal da sua fraca ala direita seria retardado ao máximo, de preferência quando a situação na ala esquerda tebana já estivesse resolvida.

Todos os artifícios e a disposição da ordem oblíqua funcionaram conforme o previsto no plano de Epaminondas. Esparta perdeu a batalha e a hegemonia sobre a Grécia. Até um dos reis de Esparta, Cleombrotos, foi morto na batalha.

Aproveitando o êxito da vitória, Epaminondas decidiu rapidamente levar a guerra ao território espartano e planejou uma campanha ofensiva no Peloponeso, a ser realizada no ano seguinte.

“A Campanha de Epaminondas em 370/369 tem sido descrita como um exemplo da grande estratégia de abordagem indireta”, que visava romper “as raízes econômicas da supremacia militar de [Esparta].” (LIDDELL-HART, 1991, p. 35. O grifo é nosso). Em poucos meses, tinha Epaminondas criado, na Messênia, dois novos Estados que se opunham a Esparta, abalando os alicerces da sua economia e, sobretudo, devastando o prestígio militar espartano. Isto feito, ele conduziu seu exército de volta para casa, vitorioso.

Mais outras duas campanhas, entre 369 e 366 a.C., foram necessárias para que o controle tebano fosse estabelecido na região. Liddell-Hart, talvez o maior analista militar de todos os tempos, ao estudar as batalhas e campanhas de Epaminondas colocou-o como o primeiro grande mestre da “arte da guerra”.

Apesar da genialidade de Epaminondas em nível tático (condução das tropas em batalhas) e no campo estratégico (condução de campanhas militares, mas também de ações políticas e econômicas, em uma guerra), o emaranhado político das cidades-estados gregas era muito complexo para

permitir o domínio de toda a Hélade, por muito tempo, por apenas uma das *póleis*.

Depois da Batalha de Leuctras (371 a.C.) a hegemonia de Esparta passou para Tebas. Contudo, o domínio tebano não sobreviveu muito tempo depois da morte de Epaminondas na batalha de Mantinéia, ocorrida nove anos depois. O Batalhão Sagrado de Tebas, por sua vez e agora comandado por Pammenes, foi completamente aniquilado por Filipe e Alexandre da Macedônia na batalha de Queroneia em 338 a.C., exatamente quatro décadas depois da sua gênese.

Em homenagem à coragem do Bando Sagrado, que lutou e resistiu até o fim, mesmo quando todo o exército tebano já havia fugido do campo de batalha, Filipe e o seu jovem filho Alexandre, então com dezoito anos e comandante da cavalaria macedônica, ergueram um belo monumento na colina do choque final do confronto. O Monumento ainda está lá.

PEDERASTIA E COMPANHEIRISMO: OUTRAS DUAS “NATURALIDADES” GREGAS

Se pudéssemos inventar uma cidade de sábios ou um exército composto por amantes e por aqueles que eles amam, eles poderiam ser os melhores cidadãos do seu país, abstendo-se de toda a desonra, e emulando um ao outro em matéria de honra; e homens como estes, quando lutando lado a lado, apesar de ser um pequeno bando, poderiam vencer o mundo. Um homem apaixonado, certamente não iria escolher, em vez de ser visto por todo o resto do exército que por seu amado se abandonasse o seu posto ou jogasse fora suas armas; antes disso, ele prefere morrer muitas mortes: enquanto que para deixar a pessoa amada em apuros, ou não o socorrendo do perigo, ninguém é tão covarde que a influência do amor não pode inspirá-lo com uma coragem que faz dele o mais bravo como se assim tivesse nascido; e sem dúvida o que Homero chama de “fúria inspirada” por Deus em certos heróis é o efeito produzido por amantes como um peculiar poder do Amor. Além disso, somente no amor é que está o consentimento para morrer pelos outros. (PLATÃO, 1998, p. 178e.).

A pederastia, provavelmente surgida na Grécia arcaica com a vinda dos guerreiros dórios, é uma relação aristocrática de cunho educativo entre dois homens de idades diferentes; o “erómeno” (amado), um jovem, já entrado na puberdade, e o “erástes” (amante), um adulto, geralmente de família afastada da do jovem.

Esta era uma estrutura socialmente instituída para servir no controle de natalidade (os casamentos heterossexuais eram realizados tardiamente), na educação e na prevenção da delinqüência. Como uma típica relação pederasta ocorria entre um jovem e um adulto – a relação entre dois adultos, assim como a figura do efeminado não eram bem vista na sociedade helênica – a palavra pederasta, em grego, significa “amor ao jovem”.

A existência de casais do mesmo sexo é muito freqüente na cultura e, sobretudo, na mitologia helênica. Podemos citar algumas duplas, das mais famosas, para exemplificar: entre os deuses aparecem Zeus e Ganímedes, Dionísio e Seilinos (rei dos sátiros), Apolo e Jacinto (e, depois da morte trágica de Jacinto, Ciparisso). Duplas de Heróis também aparecem como Heracles (Hércules)⁵ e Iolao, e, provavelmente, Aquiles e Pátroclo.

Os mortais também não foram esquecidos, como os tiranidas atenienses Aristogitón e Harmodio e, nem mesmo, as mortais, como a famosa poetisa da ilha de Lesbos (daí o termo *lésbica*), Safo e a sua amada, Átis.

Duplas de guerreiros mortais como os já citados chefes tebanos Pelópidas e Górgidas, Filipe da Macedônia e Pausânias (que matou o rei macedônio depois de ter sido trocado por outro – um indício da força que a relação possuía e de como ela poderia interferir nas demais relações da sociedade) e, por fim, Alexandre Magno e Hefestión, general da falange principal do grande macedônio.

Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre, quando ainda era apenas o irmão do rei da Macedônia, foi levado como refém para Tebas por Epaminondas quando das negociações entre o reino da Macedônia e a *Hegemon* grega da época (369 a.C.). Não deve ser coincidência o fato de Filipe, e o seu filho Alexandre, adaptarem dos tebanos as táticas militares e os laços de *Companheirismo* no exército macedônico, que irá unificar a Grécia e conquistar todo o Império Persa.

O próprio Epaminondas teve vários amantes guerreiros como Asópico e Capisdoros. Inclusive, Epaminondas e Capisdoros foram enterrados juntos

⁵ Curiosamente, a clava estilizada de Heracles tornou-se o símbolo ostentado nos escudos tebanos, ao contrário de outras cidades gregas que utilizavam a primeira letra do nome do povo ou da cidade como emblema para os escudos. Esparta, por exemplo, era representada pelo Lambda maiúsculo – referente ao povo da região, os lacedemônios.

depois de morrerem na batalha de Mantinéia (362 a.C.) ⁶, algo que se reservava somente aos esposos.

Esta prática de usar um “exército de amantes” contrariava a tradição helênica da divisão das unidades militares em grupos tribais como o exemplo de Nestor e Homero. Contudo, Pammenes, o último comandante do Batalhão Sagrado de Tebas, criticava esta disposição e considerava muito maior a motivação conseguida com a adoção das tropas de casais unidos por amor.

Com relação a este ponto, assim se expressou Plutarco:

Nestor não estava muito certo ao organizar um exército quando aconselhou aos gregos que se colocassem por tribos... deveria ter juntado aos amantes com seus amados. Para homens da mesma tribo ou família pouco valor tem o outro quando o perigo pressiona; mas um grupo cimentado sobre os laços da amizade baseada no amor nunca se romperá e é invencível; já que os amantes, envergonhados de não serem dignos ante a vista de seus amados e os amados ante a vista de seus amantes, desejosos se arrojam ao perigo para o alívio de uns e outros. (PLUTARCO, 1991, XVIII, p. 04.).

A prática da pederastia era conhecida em toda a Grécia Antiga e mesmo que não possuísse as mesmas características na *Hélade*, era considerada como instituição importante por todos os habitantes de cultura grega. Apesar das diversidades regionais, alguns pontos em comum podem ser destacados: o adulto torna-se o mentor e, quase que o tutor legal do jovem, lhe ensinando os conhecimentos da cultura grega e todas as convenções sociais aristocráticas, inclusive aquelas ligadas ao desporto e as atividades militares.

Contudo, devido ao fato de não se admitirem jovens com menos de dezesseis anos nas batalhas, o ensinamento prático da arte guerreira era formalizado depois da idade em que a pederastia se definia. Portanto, nesta fase do aprendizado, a relação já ocorre entre dois adultos e, pela definição básica de pederastia – vinculada às faixas de idade, não seria conceitualmente preciso chamá-la de pederastia militar.

É, então, neste contexto que aparece a relação que, na falta de um termo melhor, estamos sugerindo a definição de um novo conceito, o de *Companheirismo*. Trata-se de uma relação de aprendizagem militar na qual as

⁶ Mesmo assim, Tebas saiu vitoriosa desta batalha contra uma coligação de atenienses e espartanos. Contudo, a perda de um chefe militar e de um estadista do porte de Epaminondas selou o destino da hegemonia tebana na Grécia.

duplas organizadas do Batalhão Sagrado de Tebas sempre apresentavam um membro veterano em combate (ou de maior experiência e idade) e um menos experiente e mais jovem.

O guerreiro mais experiente ficou conhecido como “Heniochoi” (Condutor) e o “aprendiz” recebeu a designação de “Paraibatai” (Colega). Desta forma, a relação homoafetiva de aprendizagem militar entre Condutor e Colega, ambos em idade adulta, é que pode ser definida pela expressão *Companheirismo*.

O casal, assim formado, atuava de forma parecida com as táticas de aviões de combate, que também atuam em pares. Nestas ações de combate aéreo, o piloto mais experiente é colocado na função de “líder” das operações e o seu companheiro, menos experiente, atua como protetor das atividades do seu líder, como “ala” da formação binária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curto período da hegemonia de Tebas na história grega não parece tão relevante quanto o de suas rivais mais importantes, Esparta e Atenas, mas a aparente transitoriedade do domínio tebano esconde o quão profundo foi o seu legado para a posteridade; e porvir não somente grego, mas também helenístico e, mais tarde, para o moderno mundo ocidental.

A hegemonia de Tebas foi ainda menor que o próprio e curto período de existência de seu Bando Sagrado, mas essa instituição militar pode ser alçada como uma das mais importantes unidades bélicas da Antiguidade e, de certa forma, devido a suas peculiares e praticamente únicas características, de toda a história da Humanidade.

A figura ímpar de seu grande líder, Epaminondas, também pode ser colocada no mesmo pedestal. Afinal as características triunfantes do exército macedônico são cópias aperfeiçoadas das modificações introduzidas pelo chefe tebano. A falange macedônica é maior e mais forte que qualquer falange das *póleis*, mas reflete em sua concepção a ótica tebana.

A cavalaria pesada macedônica tinha esquadrões de aristocratas chamados de *hetairoi* ou companheiros, com 256 cavaleiros (divididas, taticamente, em dezesseis esquadras de dezesseis cavaleiros). Nove

esquadrões compunham o total da cavalaria, mais o esquadrão real, a guarda pessoal do rei – *os Iguais*, com, sintomaticamente, trezentos cavaleiros, número não divisível pelo padrão tático dezesseis. Este grupo possuía, de forma integral, a ética militar e sócio-cultural do Batalhão Sagrado de Tebas.

Em meados do século XVIII, Frederico II da Prússia, também alcunhado “O Grande”, ao enfrentar tropas muito superiores numericamente as suas, irá ressuscitar a ordem oblíqua de Epaminondas, adaptando-a às armas de fogo e à artilharia móvel da era moderna. Este foi o seu grande e, praticamente, único instrumento de vitória em condições em que ela parecia ser praticamente impossível.

Resta perguntar, por fim, se Epaminondas e as suas geniais idéias militares poderia vencer sem o principal instrumento bélico que Tebas possuía na época, o Bando Sagrado. E este, sem o seu grande condutor, teria sido tão auspicioso?

Acreditamos que os dois questionamentos possam ser respondidos na afirmativa. Mesmo porque a intenção deste trabalho era compor uma explicação conjunta para a grande capacidade militar do Batalhão Sagrado, unindo fatores e interpretações que, geralmente, se apresentam separadas ou com pouca vinculação.

De qualquer forma, Epaminondas e o Bando Sagrado estão tão associados quanto à prática guerreira e a homoafetividade foram os pilares do espírito cívico e bélico de Tebas no auge do seu poder.

A segunda vertente via eros como favorável a **homonoia** ou "negação mental do indivíduo", e à amizade cívica (**philia**). O presente estudo apenas arranhou a superfície do tema, em que o relacionamento amoroso entre os pares de cidadãos livres foi pensado para promover a concórdia e a solidariedade, em primeiro lugar no casamento heterossexual, mas mais tarde entre os homens como uma boa política, como por exemplo, na criação do Bando Sagrado de Tebas. Na sua forma mais idealista, os defensores desta visão imaginaram uma cidade inteiramente composta por homens. A cidade em si pode então tornar-se uma associação erótica como o casamento, isto é, uma associação em que eros é (ou contribuiu para) o cimento que une seus membros juntos. (LUDWIG, 2002, p. 19. Os grifos são do autor.).

Por fim, pode-se considerar que os quatro grandes fatores formativos da enorme capacidade bélica do Batalhão - a grande capacidade de liderança político-militar de seus comandantes, sobretudo de Epaminondas; a invenção e utilização da tática da “Ordem Oblíqua”; a ligação homoafetiva dos seus

integrantes e a coesão política e social deste grupamento dentro da lógica das póleis gregas – estiveram tão brilhante e satisfatoriamente conjugados em meados do século IV a. C. na cidade de Tebas como dificilmente poder-se-ia vislumbrar em algum outro momento da História.

FONTES

SOUZA, José Cavalcante de (Org.). *Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril, 1973.

PLATÃO, *Leis*. Lisboa: Edições 70. 2004.

PLATO (PLATÃO), *Symposium (Phaedrus)*. *Platonis Opera*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

PLUTARCO, *Vida Paralelas - Pelópidas*. São Paulo: Paumape, 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos. *A Guerra na Grécia Antiga*. São Paulo: Ática, 1988.

BURG, B. R. *Gay Warriors*. New York: New York University Press (NYUP), 2002.

KEEGAN, John. *Uma História de Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIDDELL-HART, Basil Henry. *As Grandes Guerras da História*. São Paulo: Ibrasa, 1991.

LLOYD, Alan B. (Ed). *Battle in Antiquity*. London: Duckworth and CPW, 1996.

LUDWIG, Paul Walter. *Eros and Polis: Desire and Community in Greek Political Theory*. Cambridge: Cambridge University Press (C.U.P.), 2002.